

# Semanario alegre de critica ligeira

IMPARCIAL ORGÃO DO BOM SENSO INDEPENDENTE

DIRECTOR-LITTERARIO  
RISO AMARGO

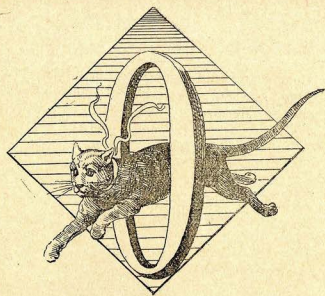
DIRECTOR-GERENTE  
RISO DOCE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Aurea, 149, 2.º — LISBOA

EDITOR  
Thomaz Rodrigues Mathias

Typ. do COMMERCIO DE PORTUGAL  
R. IVENS, 35



N.º 5

Domingo, 4 de Dezembro de 1898

I ANNO

## ANALPHABETISMO

**H**A tempos, um dos mais cotados *trunfos* do mercado politico, lançava aos quatro ventos as seguintes memoraveis palavras:

«E' uma perfeita inutilidade, se não uma verdadeira extravagancia, tratar da questão financeira e da questão economica, sem resolver de vez a questão politica.

«Onde está a resolução da questão politica?

«Está simplesmente em o paiz assumir a plenitude dos seus direitos e em impôr, sem fraquezas nem tergiversações, a sua vontade omnipotente ao governo da nação.»

Sem inquirir da sinceridade com que taes phrases se agrupam em tão apparatusos periodos, sobretudo o ultimo, estudemos como poderia o paiz impôr sua omnipotente vontade á *governança*.

Pelo que diz o periodo, transcripto, necessario seria que o paiz assumisse previamente a plenitude dos seus direitos, e estamos perfeitamente d'accordo.

Mas, para que um paiz assumia a plenitude dos seus direitos, forçoso se torna que elle saiba o que isso seja, e dois unicos meios tem para isso: ouvil-os ou lêl-os.

Não pôde ouvil-os, porque ninguem se dá ao trabalho de lh'os dizer; não pôde lêl-os porque, dado mesmo o caso de haver quem honestamente lh'os escreva, não sabe lêr.

Na instinctiva consciencia, pois, da sua crassa ignorancia, o paiz, que o mesmo é dizer o povo, alteia-se n'uma apathia, que, sem deixar de ser criminosa, não é da sua responsabilidade, e olha bestificado e indifferente para a

rotação dos *consulados*, onde os personagens mudam de fatos e caracterisações, mas interpretam um drama, em que a urdidura e enredo são sempre os mesmos.

E diria talvez o povo, em sua innata e problematica consciencia, se pensasse alguma vez em impôr a sua vontade, que mais valia transformar os proprios homens, que constituem os governos, visto que, evados dos mesmos erros, teem estado todos os governantes, ha cincoenta annos para cá.

E pensaria ainda que a verdadeira questão politica está em os governantes serem homens de bem, em toda a accepção da palavra, e os governados, antes de mais nada, saberem lêr.

Mas, a par da sua supina ignorancia, do seu vergonhoso e deprimente analphabetismo, vê o pobre povo o triumpho quasi absoluto dos mais vis processos governativos, reveladores da carencia absoluta da mais comesinha probidade profissional, e causadores inevitaveis da ruina moral e financeira, que por todo o paiz se alastra, provocando a lastima dos naturaes e o desprezo dos estrangeiros.

Erga-se, pois, uma dupla cruzada insufladora de brio aos governantes e de instrucção aos governados, para que aquellos governem com probidade e zelo, independentemente de côres politicas, que para nada servem; e para que estes possam avaliar o proceder dos que teem os sellos do estado: dizemos independentemente de côres politicas, porque a substituição dos chamados partidos, longe de conseguir que uns remedeiem os males dos outros, tem servido só para se desculparem, pelo exemplo, erros, que reciprocamente se imitam.

E isto ha cincoenta annos!

Tempo de sobra para experiencia.

Unamo-nos todos para pedir a instrucção para o povo e a moralidade para o poder, por-

que, enquanto existirem os dois ruinosos canchacos sociaes — ignorancia n'uns e desvirtude n'outros — nada salvará a nação do abysmo em que resvala.

E a verdade é que os dois males se completam e identificam por tal fórma, que constituem um circulo vicioso, de que não ha sahir; são, por assim dizer, filhos um do outro. Governos difficultando a instrução, a fim de que os povos não logrem a consciencia dos seus direitos nem da marcha governativa, e menos a do cumprimento da sua vontade; povo ignorante, alentando na impotente imbecilidade a pratica dos abusos de cima, e o desprezo pelos direitos e bom nome da nação.

Certo é que alguma coisa se deve á iniciativa particular no derramamento da instrução; mas tão lenta tem de ser a sua acção, que, quando puder dar resultados... que será feito d'esta boa terra portugueza?...



Um politico de polpa, ex-ministro e portanto façanhudo monarchico, fazendo a comparação entre o Brazil, anterior á revolta, e o portentoso Portugal de nossos dias, com o fino criterio e largueza de vistas, além d'outros talentos mais ou menos secretos que todos lhe suppõem, commentou:

«Lá no Brazil, o imperio cahiu sem dizer agua vae, apesar das virtudes incontestaveis e respeitabilidade pessoal do velho imperador...»

E quer talvez com isto metter sustos a alguém?!

Não vê que cá e lá não ha paridade alguma.

Não se lembra que a differença  
Está n'um motivo bem serio:  
Aquelle, se dá licença,  
Que vae do reino ao imperio.

Com tal differença quem ha de  
Sentir maguas ou desgraças?  
Viva a bella sociedade!  
Venham manhas e trapaças!...

O paiz tem tal riqueza,  
E no poder tem tal crença...  
— Nada teme a realêza  
Por causa de tal differença.

Ora seja pelo divino amor de Deus!

## SOBRE O JOELHO

— É indispensavel anichar lá o homem!

— Oh! sr. conselheiro, mas os quadros estão cheios, tenho pessoal a mais...

— Não sei cá d'isso! É uma imposição da Claudina. Aniche o homem!

— Queira então v. ex.<sup>a</sup> dizer o que se lhe ha de dar a fazer...

— Oh! homem, você não manda comprar livros em branco para o serviço da repartição, esses livros não são pautados?...

— Naturalmente.

— Pois, muito bem, d'hoje em deante manda comprar dos de papel liso, quero dizer, sem ser pautado, entende?

— Sim, senhor.

— E occupa o homem a regrar todas as paginas dos livros; não ficará tão bom serviço, é certo, mas já se dá trabalho ao protegido da Claudina.

— É uma sublime idéa!

— Para que saiba!...

E o homem lá está a ganhar honradamente o pão do Estado.



Chegaram-nos lamentações dos habitantes das circumvisinbanças da Escola Polytechnica, por já não haver o bello tirinho á 1 hora.

Fagundes, *reporter* habil, como é geralmente sabido, foi inquerir.

E' para poupar polvora!...

Por um dos ultimos *ukases* do herculeo governo, que nos enfreia, só é permittido gastar-se em salvas.

A ver se assim se salva isto!



Agora por Polytechnica, uma coisa engraçada: o portão de ferro, lado sul, na rua da dita, está sempre fechado ao domingo.

De fórma que um cidadão pacato, que queira ir á rua de S. Marçal, por exemplo, e vá da Avenida pelo jardim da Escola, tem que fazer romaria em volta da mesma e perder muito tempo. E' naturalmente tambem por economia de porteiro, ao domingo, gastando-se dinheiro com elle durante toda a semana.

Muito economica é esta gente toda!...



Uma empreza theatral importa temporariamente uma quantidade de scenario, coisa de encher o olho; está claro, com o fim altamente louvavel de proteger as artes nacionaes.

Tempos depois enche uma porção de caixotes com trapos velhos, ripas, lixo e até arbustos secos de festas a divas, e envia tudo para a alfandega, para ser reexportado como se fóra o magnifico scenario temporariamente importado!

Dá-se pela coisa, a imprensa indiscreta levanta a lebre... mas como os bilhetinhos de borla sejam uma bella coisa e o empregario seja muito sympathico e *nosso amigo*... pedra em poço.

Ora como para estudar a degradante decadencia d'um povo, mister se faz registrar as causas d'onde ella provém, ahí fica essa lindeza.



— Ou me arranhas o homem lá na tua repartição, ou durante tres dias não me pões a vista em cima!

Este foi o *ultimatum* que a bella e loira Emilia impoz a Anão dos Assobios.

No dia seguinte dava o protegido da imperiosa dama ingresso nos penetraes d'uma das mais ratonas repartições do Estado.

Como não houvesse verba, porém, para se pagar ao homem, como fosse impossivel impôr mais essa anichadela ao respectivo ministro, determinou Anão dos Assobios que fosse o homem retribuido pelas *despezas diversas*.

Ora, dá-se o caso que as remessas de dinheiro para *despezas diversas* são destinadas sobretudo ao pagamento dos fornecedores, alguns desde 1895 que teem *cães* em disponibilidade.

Mas os fornecedores que continuem a esperar, e a Emilia que não se amue.



Dinheiro! Sempre o maldito!...

S. ex.<sup>a</sup> carece de livros, as ultimas novidades scientificas do estrangeiro; pois a repartição que pague os livros a s. ex.<sup>a</sup>. Mas ás vezes, quasi sempre, dão-se casos urgicos, não se pode esperar pelas requisições, e andamento das praxes burocraticas, que é sempre como o dos carros de bois. Pois, muito bem, compre s. ex.<sup>a</sup> os livros, leve-os para casa, onde estuda, e a repartição depois lhe pagará directamente. Optimo!

Agora, dá-se o caso de s. ex.<sup>a</sup> receber o dinheiro regularmente e comprar livros com irregularidade... ou não os comprar, porque sabio, e de tres assobios, já elle é.



— O' Simphronio, você tem intimidade com o Polidoro, que vende aquellas magnificas carteiros de *chagrin* na rua do Ouro?

— Toda, jogámos muita vez o eixo, quando eramos rapazes. Mas porque pergunta você isso, seu Furão.

— E' que eu tinha muitissima vontade de possuir uma carteira, que lá vi; se a coisa se pudesse fazer como d'outras vezes?...

— Póde sim, pois que ha de querer o Furão-sinho, que eu lhe não faça?

No dia seguinte elabora Furão, de manga de alpaca, uma copiosa requisição de objectos ne-

cessarios para o Ministerio, requisição que ha de ser satisfeita por Simphronio, dono d'uma papelaria.

Os artigos entram para o ministerio, e ás 4 horas sae Furão com um embrulho,—o que calculou equivalente ao valor da carteira; deposita-o na mão de Simphronio e recebe em troca o cobigado objecto.

Parece obra de magica.

Mas é de magicos!



Certa imprensa, movida por uma febre mercantilissima de *reportagem*, pormenorisa casos escabrosos de crimes repugnantes: contra o pudor, entre casaes illegitimos, etc., etc.

Ora os jornaes, que levaniamente assim procedem, entram em todas as casas de familia, as creanças ouvem ou lêem essas minudencias revoltantes, a sua natural curiosidade leva-as a fazer perguntas, que collocam os paes em apuros...

Imprensa séria, mais cuidado pelos bons costumes, e menos furor pelos dezreisinhos!



Lá fóra, a criminoso inepecia dos governos, consentindo o jogo, mas d'esse grande mal aufferindo ao menos o tributo que concorre para o bem commum, tem deixado resvalar as respectivas nações n'um tormentoso abysmo: eil-as sem defezas maritimas ou terrestres, sem poderem solver os mais sagrados encargos, sem instrução, enfim, todas niveladas á Turquia, ou abaixo ainda!

Cá, estadistas egregios, meticulosos em pontos de honra, irritaveis em seus preciosos sistemas nervosos á mais leve discrepancia no concerto das honestidades correntes, regeitaram pundonorosos uma proposta rendosissima, ha tempo feita, para se explorar á luz, francamente, o que sempre se cultivou desveladamente nas estufas dos clubs protegidos, e em todas as praias.

Oh! honestidade, onde te aninhas!

Ora, nas barbinhas da auctoridade, e proximo do Governo Civil, para ter mais graça, existem pelo menos tres clubs, onde se joga habitualmente e com inteira e segura impunidade.

Mas, não é tudo, na Feira Franca consentiram-se as batotinhas das sortes, e agora, com inandito desplante, as ricas Academias de Bilhar!

E ainda ha linguas viperinas que censuram este abençoado governo!

Ingrata Patria que taes filhos tem!

.....  
Por absoluta falta de espaço, retirámos o **DIABO COXO**, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

## OS GRILLOS

Eram tres grillos negros, luzidios,  
Bastante magros e bastante esguios,  
Por não terem á farta verde alfauce,  
Ou, quem sabe, talvez porque os rallasse  
Algum desgosto forte, algum tormento.  
Vivia um em torvo isolamento,  
Os outros dois n'um intimo conchego,  
E nada perturbava tal socego.  
Mas certo dia foram apanhados,  
Vendidos, e depois... engaiolados.

O grillo dedicava á companheira  
Uma paixão vehemente e verdadeira.  
Logo de manhã cedo começava  
N'uns requebros de amor, e toda lava,  
Toda paixão, a amada e boa esposa,  
Abeirando-se lepida e dengosa,  
Ouvia-lhe enlevada o trillo agudo...  
No emtanto o outro grillo, sempre mudo,  
Scismava longas horas, embebido  
O vago olhar no azul indefinido!  
Corria até, alli na vizinhança,  
Que era ciume e sêde de vingança,  
Desmedido rancor, animo duro,  
Que lhe ensombrava a vida e o futuro.  
Mordia-lhe lá dentro e não soffria  
Viver alli na mesma moradia  
Com um feliz casal tão venturoso,  
E elle sem fruir o mesmo goso.  
Chegou-lhe emfim uma arrelia forte  
Por este mundo, e maldizia a sorte,  
Mas isto com cuidado e em sigillo,  
De, sendo tão philosopho, ser grillo.

Ora ao dono da estridula familia,  
Um pequenote, dava-lhe quisilia  
A extranha sisudez do grillo... X,  
Chamando assim ao pensador infeliz.  
E a ver se distrahil-o conseguia,  
Espicaçava o pobre, que soffria  
Horriveis provações, amargas dôres...  
Usou depois identicos rigores  
Com o casal d'honesta convivencia,  
E fel-o com tão barbara inclemencia,  
Que mal viviam já os desditosos,  
Relembrando o passado e os seus gosos!

Mas uma noite, em funebre conselho,  
Quando a lua no crystallino espelho  
A face luminosa reflectia,  
E distante, na escura penedia,  
A onda formidavel escumava...  
Durante a noite a trempe procurava  
O modo de fugir ao algoz cruento,  
Com gesto rude e rude sentimento.

Deliberado foi que se comessem  
Uns aos outros, e como bem pudessem.  
Ancioso lance! tormentoso instante!  
Em que investiu o doce par amante,  
No começo da horrida carnagem,  
Sinistro abysmo aquelle! atroz voragem!

Comido um pé da femea, n'um aceno,  
Mostrou que o não julgava tão pequeno.  
Era amator d'esthetica o bom grillo,  
Um pé pequeno, pé de fino estylo,  
Era o seu forte, e nunca até então  
Achára na consorte esse condão.  
E, por seu turno, ella mansamente  
Ia roendo o esposo, querido ente,  
E achava-lhe sabor, mas... indigesto,  
Pelo menos assim mostrava... em gesto.  
Depois!... findou a lucta começada  
E do que fôra um par de grillos... nada!  
Nada restava já!... triste destino!...  
Piou um mocho e repicou um sino  
No proprio momento em que, sósinho,  
Maldisse X o seu viver mesquinho.  
E ficou mudo o triste solitario,  
Pensando em seu apresto funerario!

Batia já o sol pelas alturas;  
E as estrellas, luzes mal seguras,  
Deixavam pouco a pouco de brill'ar.  
Começava no campo o labutar...  
E elle ainda scismando que fazer!...  
Até que resolveu tambem morrer:  
Suicidar-se!... mas como fazel-o,  
Sem ter um alfinete ou um cutello,  
Um canivete ou uma guilhotina!  
Que dura sorte a sua e que mofina!  
Então sorriu-lhe á ideia de repente,  
Seguir o honrado exemplo precedente;  
Só lhe faltava haver quem o trincasse...  
Se tivesse uma esposa que o amasse!  
Muito pensou ainda, mas depois,  
Vendo que elle era uno e não dois,  
Uma ideia sentiu d'alto jaez:  
Comer-se elle a si proprio... e assim fez.

Trinavam melros d'entre a ramaria,  
Estava a prumo o sol do meio dia,  
Dormiam alquebrados da fadiga  
Os aldeões na herva resequida...  
E o aspecto da gaiola abandonada  
Pelos grillos de sorte amargurada,  
Tinha algum tanto de saudoso effluvio,  
Como a arca de Noé, findo o diluivio.



**No proximo numero o mono-  
logo, do mesmo auctor**

**AS MINHAS SOGRAS.**

## CONTOS

## A CONSELHEIRA-SUPRA



A serie de velhacadas, que constitue o chamado convívio, origem do descalbro constante e progressivo das nossas illusões e o facto sempre doloroso de se trocar o ouro dos bons sentimentos pelo pechisbeque das perfidias alheias, fazem com que, quando se é bom, sem se ser tolo, ponhamos de parte a voz primeira da candura, com que por ventura viemos ao mundo, e pouco a pouco vamos afeiando ao rosto a mascara da hypocrisia e sobrepondo ao coração a couraça do egoismo.

A resultante de taes mutações é nada mais nada menos do que o rico cynismo, que por ahí campeia infrene, e cujos alieceres são os mil e um factos quotidianos, mais ou menos torpes, que apavaram os ingenhos e são apanagem do maior numero.

Ha annos que eu não via o bello exemplar de conformado, que me suggeriu estas philosophias caturras, despertando-me a recordação d'um facto.

Está avelhentado, coitado!

É um sujeito conhecido, que occupa não sei quantas chormentas sinecuras na jaganda publica, casado com uma mulher muito mais nova do que elle, comquanto já senhora de rotundidades *trintonaes*, vulgarmente formosa e pratica.

Sem os requintes cumulativamente frívolos e des-honestos, característicos, em regra, da alta roda, que tanto a seduz, exerce, no entanto, dignamente a caridade official, e joga nos clubs e assembléas das praias, quiçá nas de Lisboa, quantias que vão muito além do orçamento conjugal.

Tudo lhe tolera o marido, que ella é incisiva nas opiniões e nos conceitos; soube dominal-o a tempo; e para mais deu-lhe uma linda prole esperançosa, sobretudo em fêmeas. Que os varões, basta que sejam mansos como o pae.

Talvez remorsos de peccados velhos o fizessem assim macio. As vezes até parece que a Providencia intervem, cauterisando vilezas, aliás vulgares.

Parece que elle abandonára em tempos, como quem vae de caminho, uma mísera mulher, de quem houvera um filho. Então não vingára ainda ascender aos pinaculos da publica consideração, como dizem as gazetas: era simplesmente um jogador mais ou menos alcoolisado.

Annos depois, semi-morigerado, simulando haver perdido antigos vícios, é que encontrou e se jungiu á prolifera mulher, que ora lhe azeda o gosto da vida.

A representação, — como esta palavra exprime a idéa! — a casa, os filhos, avolumaram assustadoramente as despesas, urgia descobrir uma compensação, ou muitas, assim o aconselhava o mais comensinho bom senso. Foi então que o nosso homem contrahiu amizade com um ministro d'estado, fura-vidas como os que o são; como quem diz contrahir matrimonio por inclinação com millionaria velha.

E logo o bello acompanhamento de commissão para aqui, commissão para acolá, a linda passeata ao es-

trangeiro com subsidio do governo, para ponderoso<sup>s</sup> estudos internacionaes e outros. Ficando a mulher cá a cuidar dos filhos. Pois então.

Da permutação de favores e reconhecimentos entre ministro e beneficiado, resultou o estreitamento de relações, intimo a breve trecho, entre os dois caes, pois que o ministro não era celibatario.

A principio encontros casuaes, muito bem planeados, depois as visitas, phrases de captivante interesse: — que lindo que é o seu menino, cara de talento, sae o pae! — Ora! E a sua gentil menina, retrato vivo da mãã, não ha negal-o! — Favores, favores...

Depois villegiaturas coincidindo nas mesmas estações chics, por méro acaso, como certos improvisos.

E no inverno, em Lisboa, o ministro a procurar o amigo em casa, quando o sabia na repartição, para negocios urgentes.

Chegou a coisa ao ponto de a piedosa esposa do então já omnimodo funcionario, muito a dentro de sua accommodaticia consciencia, se confessar mais ciúmosa do conselheiro do que a propria esposa d'elle.

Que o ministro, não desfazendo, era um perfeito homem, mas um desgraçado por saias.

E a conselheira não era pouco ciumentada, não! Quantas vezes, em coleras surdas, impotentis, ella se abria com a amiga, em revelações despeitadas. E a outra, ateando-lhe o fogo: que o reprimisse, que o prendesse, que o seguisse, que o espionasse! Não o deixar pôr pé em ramo verde, que o trouxesse como d'ella, sempre muito sujeitinho.

— Mas que queria? que lhe havia de fazer? voltava a conselheira. Objectava-lhe com as razões de estado a clamarem por elle: os espinhos do alto cargo, conselhos com os collegas, conferencias com influentes politicos, grandes questões a resolver com os primatas da finança e do commercio, depositos clandestinos de quantiosas sommas no Banco Inglez... Como havia ella de saber, se em vez de tudo isso elle dissipava o tempo e a vida, a sua rica vida, com outras, com amores illicitos... só de pensal-o, emmagrecia!

D'uma vez, n'um rasgo magnanimo, a outra, a consola-a: — que socegasse, ella, como verdadeira amiga, é que lhe zelaria a fidelidade do marido, havia de indagar, havia de saber; caso houvesse alguma coisa suspeita, correria a prevenil-a.

E á sahida, escusando-se aos agradecimentos da conselheira: — que ella bem sabia o que essas coisas custam, por experiencia propria! De resto, d'ella ninguem desconfiaria nas investigações a que tivesse de proceder, e á conselheira lhe ficava mal. E demais, para que serviam as amigas, senão para as occasiões? E dava-lhe dois beijos muito dengosos, um em cada face, com sorriso protector e carinhoso.

Da janella, a conselheira viu-a ao longe dobrar a esquina, e quedou-se a scismar que no fim de contas, n'estes tempos de egoismo e inveja, más acções e peores sentimentos, a amizade ainda não era uma palavra vã!

N'essa mesma noite, a desvelada amiga tirou inculcas. Não consentiria nunca que o conselheiro a atraçoasse. Se o fizesse, ai d'elle, largava-lhe á perna a mulher, previamente industriada, e de tal guisa que o conselheiro veria uma bruxa.

Servia-se varias vezes da carruagem do ministro. Algumas vezes até, quando o marido tinha trabalhos nocturnos, ou ella muita pressa, o proprio conselheiro a acompanhava. Parece que foi até n'um d'esses acompanhamentos, na estreiteza d'um *coupé*, o inicio d'aquelles amores.

Ora, como se dêsse o caso do cocheiro ser um mariolão de marca, e estar mais ou menos nos segredos do amo, o grande caso estava em saber fazel-o dar á lingua.

Segundo o velho axioma, aliás falho de escrupulos, de que o fim justifica os meios, não desde nhou a

impudica por meias palavras e meios olhares, de envolta com pingue esportula, fazer antever ao cocheiro que a sua corpulenta estatura não lhe desagradava de todo. D'ahi a confissão de que o amo ia todos os dias lá para as bandas da Lapa, e se apeava á porta d'um rez-do-chão catita, onde se demorava horas.

Industriada pelo pacovio, em breve, rondada previamente a casa, e conhecida a creada, estava a nossa heroína de contrabando ao facto de tudo.

Era a moradora uma judia de olhos negros, pestanudos, que viera para Lisboa com a mira de entesourar capitaes, com que captasse novamente um toureiro, que, só envolta no manto auri-fulgente das libras, a aceitaria, para de novo a desprezar, d'ahi a mezes, gastos os ultimos reales.

O ciuime é fértil em expedientes, e como á atrevida adúltera conviesse um escandalo, por assim dizer pacato, e uma prova segura, abandonou a idéa de esperar o ministro á entrada ou á sahida do coio amantico. N'um temerario arrojio, conseguiu da creada da judia que se despedisse com o pretexto de ir á terra, mas deixando em seu logar uma amiga de confiança.

Custou-lhe um tanto caro resolver a moça, mas as companhias que não dão dividendos, dão miraculosos recursos aos directores, que por sua vez são mãos largas com as protegidas... Fátia do nosso compadre.

O certo é que se installou, como creada, a famosa amiga da esposa do ministro, exactamente na manhã do dia em que s. ex.<sup>a</sup> se dignava jantar com a judia, a qual para festejar tão assignalada honra, raras vezes concedida, e ainda mais porque desejava ser bem succedida na pretensão de anichar nas alfandegas um ditoso Figaro, que tinha loja defronte, mandará vir uma pipara refeição do Internacional.

Ora a pseudo-creada estava pela outra inteirada dos amores da judia com o barbeiro, e reservára para o jantar essa preciosa revelação ao conselheiro. Como se dêsse, porém, o caso de elle ter entrado para o aposento da judia e se demorasse, e o creado cuja conivencia, para mais, de nada lhe servia, quizesse attentar contra o pudor de suas roliças fórmãs, ella, espreada pelo ciuime, bate á porta do quarto da ama, como se a suppozesse só, e berra com toda a força dos seus pulmões:

— Ai, minha senhora, que de todo me esqueceu. O barbeiro alli defronte, quando esta manhã sahiu cá de casa, disse-me que não me esquecessê de recomendar á senhora que, quando cá viesse o lamecha do conselheiro...

— Cala-te, mulher! sibilou furiosa lá de dentro uma voz, que parecia estrangular-se...

— Foi assim que elle disse, que ha duas vagas, e o logar é de...

N'isto abre-se a porta e apparece desmorteado o conselheiro, reconheceira a voz, a presença da supposta creada confirma-lhe a suspeita, recobra porém o ar conselheiroso, e exclama:

— Saia immediatamente d'esta casa, eu sei perfeitamente que aquella senhora é incapaz de faltar aos seus deveres, alli onde a vê porta-se melhor do que muitas casadas...

— Ah! tu provocas-me, resmungo entre dentes, rubra de colera, aquella que se julgava ao abrigo de tão acerrada offensa, vou dizer tudo a tua mulher!

— Cala-te, idiota,—segredou o conselheiro, relanceando os olhos para o aposento, onde a judia estrebuchava com um apparatuso ataque de nervos, lembrado a tempo,—não vês que é indispensavel que aquella rapariga ignore quem és; queres depois ser vergonhosamente apontada por ella?

— Pois bem, saio, mas has de sahir commigo?

— Com esse fato?!...

— Quando chegar a casa, já o não levo, e quero lá ver-te.

Sahi, metteu-se na primeira tipóia e foi a casa da

conselheira mudar de fato e desabafar, contar tudo que lhe convinha. E com uma nobre dedicação, terminou a fulminadora arenga contra os maridos dissolutos, invectivando a conselheira:

— Eu bem lhe dizia, era trazel-o sujeitinho, como eu trago o meu. E agora é tratar de o livrar d'aquella porca, que eu já lhe dei uma ensaboada...

A conselheira lança-se nos braços da dedicada amiga, cobre-a de reconhecidos beijos, e entre soluços murmura: — ai, minha santa amiga, como eu sou desgraçada, como o peso da perfidia d'elle me aniquila!... depois falta-me a sua energia, sinto que não poderei reagir... dizendo isto, a conselheira sente uma tonitura, as pernas fraquejam-lhe e quasi ajoelha...

— Então, volte enojada a outra, tanta fraqueza! seja homem, não pôde reagir, reajo eu...

— Obrigada, obrigada! soluça a conselheira comovida.

## EPÍLOGO

O conselheiro declara á judia que a creada era uma enviada da sua propria esposa. A judia facilmente provou com o testemunho do creado e d'outras pessoas circumpsectas, que a invenção da supposta creada era uma insidiosia mentira, que lhe irritára horrivelmente o systema nervoso e a trazia doente.

O nobre ministro acalmou-lhe os nervos com um precioso par de saphiras. Muito dão as companhias que não dão dividendo...

E tudo segue no melhor dos mundos possiveis, a esposa conformada com promessas de reforma, tão ferreis em ministros, e a amiga, convencida de que tudo acabou com a judia.

O cocheiro, desilludido, guarda as esportulas, e ainda mais o que sabe. E até o barbeiro lá está continuo do ministerio da fazenda...



## THEATROS

Das empresas theatraes existentes é a do Gymnasio a mais pacata, a que menos explora o reclame, mas talvez por isso mesmo seja a mais séria, e a mais digna do apreço publico.

Raro é n'aquelle theatro representar-se uma peça, cujo desempenho não seja harmonico e correcto, chegando mesmo a ser muita vez distincto. O Gymnasio possui um actor de primeira ordem em todos os generos, Joaquim d'Almeida, cujo talento malleavel e fecundo basta para garantir a concorrência do publico e arrancar os applausos mais refractarios.

As alegrias do lar, agora em scena, vão além do titulo, são a alegria franca e expansiva de todos os espectadores.

Se a comedia não tem enredo, em compensação, desenvolve-se por entre uma serie de magnificas e riditissimas situações, que a tor-

nam susceptível de ser vista com geral agrado e mesmo com entusiasmo.

Comquanto o fundo moral seja nullo, ou, mais do que isso, talvez, contraproducente, e haja umas leves escabrosidades, certo é, porém, que não offende gravemente os bons costumes, e encerra até uma grande lição para os velhos devassos; a qual, porém, como ao da comedia, não dá resultados.

Isto de regeneração é uma historia!

A humanidade progride na actividade especulativa, meramente material; no fóro intimo está, como sempre foi, desde que o mundo é mundo: supinamente egoista, tal qual o barão das *Alegrias*.

O que póde faltar á peça em regeneração de costumes, sobra-lhe em graça espontanea, que o desempenho de todos os artistas mais faz realçar ainda.

Joaquim de Almeida, no 3.º acto, sobretudo, é inexcédível; Telmo, Ignacio e Barbara á altura dos justificados fóros de artistas de fama; os demais interpretes, muitissimo bem.

E' um espectáculo que recommendamos aos nossos leitores, na certeza firme de que não maldirão o conselho.

Ás *Alegrias* pois, que tristezas ha por ahí a cada passo.



O Real Colyseu dá-nos actualmente tres actos cheios de boa e alegre musica; *Os Frades Mos-tenses* teem graça e o desempenho é superior... ao preço das cadeiras: 500 réis. N'este particular, podemos mesmo garantir que não se póde exigir mais; é, sem duvida, um espectáculo barato.

Salienta-se em voz o actor Christiano Telmo, que, com estudo e boa vontade, muito poderá conseguir.

O scenario é attrahente... cheira a importação temporaria, como o tal a que n'outro logar alludimos.

Passa-se agradavelmente uma noite no Colyseu da Rua da Palma, e os modestos artistas são dignos de toda a protecção do publico.



## Associação das Escolas Moveis pelo methodo JOÃO DE DEUS

Todas as pessoas que queiram cumprir o dever civico de proteger esta associação, a mais util e sympathica de quantas existem no Paiz, podem fazel-o, enviando os seus donativos, por uma só vez ou mensalmente, para o digno thesoureiro, largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º



## D'antes quebrar que torcer

E' uma brava divisa dos bons tempos do Portugal antigo, que já não está em uso...

Hoje é vulgar exactamente o contrario, e aponta-se como animal exotico e irrisorio todo aquelle que prefere morrer pobre e honrado a rico *sem vergonha*.

Esses taes, não querem ler o sabio proverbio, que o sublime João de Deus tão nitidamente traduziu:

«Antes a pobreza honrada  
Do que a riqueza roubada.»

Depois, como os exemplos abundam n'uma impunidade revoltante, como, ainda em cima, os grandes trunfos das operações bem combinadas falam de papo e expectoram artificialmente conselhos e bravatas mais artificiaes, se isso é possivel, salpicando-nos nas horas vagas com a lama que as patas de seus fogosos cavallos, — ou mansos, é conforme, — nos atiram á cara, fiando-se mais na rigeza do pulso e na molleza indigena do que na sua consciencia, que essa é branca como carvão... ahí temos nós uma derrocada imminente e inevitavel.

Hoje torce-se, mas não se quebra, pelo menos em politica, que no commercio abundam quebras... á imagem e similhaça das taes operações bem combinadas.

Cada um governa-se, eis o santo e a sanha dos lusos hodiernos.

Vae d'ahi o governo, que para ser digno deve espelhar a nação, faz exactamente o mesmo.

E, seguindo tambem o espirito da epocha, torce-se, retorce-se e contorce-se... mas não quebra!

Que o Destino o allivie na hora extrema com alguma coisa retorcida!...

Pois tudo isto vem a talho de foice para dizer-lhes, meus amados leitores, que, por cá, quebra-se, mas não se torce.

Bravatas! direis vós de pé atraz, pondo os olhos lastimosos n'essa bella sociedade, que por ahí intriga, calumnia, mexerica, se afemina, e ás duas por tres transforma tudo isto n'uma pífia Feira Franca, que terá muito de roleta, de alcouce e de Rihafoles, mas muito pouco de brio, de honra e de trabalho digno.

Ha quem diga que os povos teem os governos que merecem; sendo assim, mais valera não ter governo, e não ser povo!

## DEFINIÇÃO

Das *Farpas*, esse excepcional monumento de critica, devido á penna de dois dos mais gigantes luminares das letras patrias: Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, recortamos a que segue.

Reportamo-nos á 1.<sup>a</sup> edição.

**Ministerio** — um grupo casual de individuos, que intrigaram para *estar alli*.



Continuamos a publicar com prazer, e agradecemos, as referencias de mais alguns amáveis collegas:

**Commercio de Penafiel.** — «O Gato. — Recebemos o n.º 1 d'este semanario que vem de se publicar na capital. E' um jornal critico e apresenta-se bellamente redigido.»

**Jornal de Paredes.** — «O Gato. — Temos presente este elegante semanario humoristico, que se apresenta distinctamente redigido e que se publica em Lisboa.»

**Jornal de Reguengos.** — «O Gato. — Recebemos este magnifico jornal humoristico, que ha pouco iniciou a sua publicação em Lisboa. Apresenta-se repleto de *verve*, arranhando ligeiramente todos os ridiculos que chegam ao seu conhecimento, sem nunca ferir. Muitas prosperidades... e que Deus o livre dos cães!»

**Echo da Beira.** — «O Gato. — E' o titulo de um semanario de critica alegre que começou a publicar-se em Lisboa, excellentemente redigido e nitidamente impresso. Agradecemos a visita do prezado collega, a quem desejamos uma longa vida de prosperidades.»

**Jornal de Cantanhede.** — «O Gato. — Recebemos este semanario alegre e humoristico, que apparece ultimamente em Lisboa. E' seu director litterario o *Riso Amargo*, e director-gerente, o *Riso Doce*. Com tão agradáveis e risinhos directores, não pôde deixar de ser agradável aos leitores.»

**A Civilização Popular.** — «Recebemos, de Lisboa, O Gato, jornal humoristico, escripto com bastante *verve*. Agradecemos a visita do novo collega, e desejamos-lhe todas as prosperidades.»

**A Defeza.** — «Recebemos e muito agradecemos o 1.º n.º do O Gato, publicação de critica humoristica, que iniciou a sua publicação em Lisboa. Este numero vem excellentemente preparado para satisfazer ás promessas do periodico e ás aspirações dos assignantes.»

**Folha de Feigueiras.** — «Começou no domingo a publicar-se, em Lisboa, o engraçado jornal O Gato, semanario alegre de critica ligeira e independente. Pelo numero, que temos presente, vemos que insere artigos cheios de *verve*, e apresentando-se muito bem redigido. O seu custo de assignatura por trimestre é de 250 réis e numero avulso 20 réis. Agradecendo o exemplar recebido, desejamos longa vida ao novo collega.»

**O Distrito** (Setubal). — «O Gato. — Recebemos o n.º 1 e tambem já recebemos o n.º 2 d'esta publicação semanal de critica ligeira, e de muito agradável leitura. E' critica picante e não penetrante. — obra de gato, que arranha e não morde. Vida longa desejamos ao bichano, e que o janeiro não entre com esse, porque, então, — quem lhe supportará os miasis! Este

Gato litterario tem a sua redacção e administração na rua Aurea, 149, 2.º, já quasi proximo aos telhados de Lisboa, e assigna-se por 250 réis cada trimestre.»

**Jornal de Basto.** — «O Gato. — Sahiu ha dias em Lisboa este semanario de critica ligeira, e que é no seu genero um dos melhores que temos lido. Vem cheio de *verve* e agrada a todos. Não faça, no entanto, o illustre collega muito espirito com as coisas politicas, porque a lei da imprensa (o collega bem sabe) é uma rede de arrastar... Os nossos agradecimentos pela sua visita.»

**A Voz de Estremoz.** — «Tivemos hoje o prazer da visita de um novo collega que vê a luz da publicidade em Lisboa — O Gato. E' um semanario alegre, de critica ligeira, bem redigido e artisticamente tratado. Felicitamos a empreza e desejamos que o collega tenha longa vida. Agradecemos a visita que reconhecidos retribuimos.»

**Correio de Ceia.** — «Recebemos a visita n'esta redacção do 1.º n.º do O Gato, semanario alegre de critica ligeira. E' na verdade um jornal interessante, o qual vê a luz da publicidade em Lisboa, rua Aurea, 149, 2.º.»

**O Povo Espozendense.** — «O Gato. — Visitou-nos o n.º 1 d'este bem redigido semanario alegre de critica ligeira, que começou a publicar-se em Lisboa. A sua apresentação no campo das letras é boa, e por esse motivo lhe damos as boas vindas, desejando-lhe prospera vida.»

**Jornal Saloio.** — «O Gato. — Visitou-nos este interessante semanario de critica ligeira, órgão do bom senso. Bellamente redigido, com muita graça e distincção, merece sem duvida o longo e prospero futuro que lhe desejamos.»

**A Flor do Tamega.** — «O Gato. — E' um semanario alegre, de critica ligeira, que começou a publicar no dia 6, em Lisboa. Órgão do bom senso, imparcial e independente, tem como director litterario — *Riso Amargo* e como director-gerente *Riso Doce*. Apresenta-se bem redigido, de critica fina, que se lê sem enfado. E' impresso em oito paginas, e traz uma capa de annuncios. Preço por trimestre, 250 réis. Agradecemos a visita e desejamos longa vida ao nosso collega.»

**Jornal de Santarem.** — «O Gato. — E' este o titulo d'um novo semanario de critica, que se publica em Lisboa. Os numeros primeiros, que temos á vista são interessantissimos, contendo artigos cheios de *verve*. Como o gato se propõe *arranhar sem fazer sangue*, podemos garantir que terá por muito tempo as *festinhas* do publico, a avaliar pelo agrado com que este recebeu as suas primeiras *marredinhas*. Agradecemos a visita do bichano. Assigna-se na rua Aurea, 149, 2.º, Lisboa.»

**O Futuro.** de Olhão. — «O Gato. — E' o titulo d'um semanario alegre de critica ligeira, que começou a ver a luz da publicidade em Lisboa, no penultimo domingo, e do qual recebemos os dois primeiros numeros. Agradecendo a visita, que vamos retribuir, desejamos ao novo collega existencia longa e prospera.»

**O Herminio.** — «O Gato. — Com este titulo começou a publicar-se em Lisboa um semanario alegre de critica ligeira, órgão do bom senso, imparcial e independente. Que O Gato tenha duradoura vida.»

**Vimarenso.** — «O Gato. — Temos presente este semanario alegre de critica ligeira, que acaba de ver a luz da publicidade na capital. O novo collega apresenta-se distinctamente na vida jornalistica, e como é proprio da sua raça, brinca com tudo aquilo que lhe desperta a attenção, mostrando, contudo, que é armado de garras. Ao novo collega mil felicidades, e acedemos gostosamente á permuta.»